

**ACABAR DE VINF, DEIXAR DE VINF E PARAR DE VINF  
NO PORTUGUÊS EUROPEU CONTEMPORÂNEO:  
CONTRIBUTO PARA A DISCUSSÃO DO ESTATUTO DESTAS  
PERÍFRASES VERBAIS\***

HELENA ISABEL ALZAMORA  
(Universidade Nova de Lisboa/CLUNL)

*ABSTRACT: This article aims at discussing the semantic values of verbal periphrasis acabar de Vinf, deixar de Vinf and parar de Vinf in contemporary European Portuguese.*

*I will essentially focus on the discussion of the data found in literature and in the proposals of such different authors. This will be carried out by identifying, analysing and describing the different values that result from the deformability and interdependence of linguistic forms that integrate these configurations. It is the aim of this paper to explain, at the level of metalinguistic representation, particular phenomena that result from the plasticity of linguistic forms and constructions.*

*I argue that the compatibilities and restrictions presented in these constructions result not only from aspectual values but also from the constructions themselves or the verbs with which they co-occur. Apart from the inherent properties of the predicates involved, the determination of the arguments –  $C_0$  and  $C_1$  – is relevant to the values of different sentences.*

*KEY-WORDS: Verbal periphrasis; aspectual classes of verbs; determination of the arguments; deformability and interdependence of linguistic forms; temporal, aspectual and modal values; interrelationship of grammatical categories.*

### **Introdução**

Neste trabalho<sup>1</sup>, defende-se, na linha de, entre outros, Squartini (1998) e Gómez Torreño (1999), que uma perífrase verbal é uma combinação sintáti-

---

\* Trabalho financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto PEst-OE/ LIN/UI3213/2014.

<sup>1</sup> Este trabalho inscreve-se na investigação que tem vindo a ser desenvolvida com vista à elaboração da Tese de Doutoramento em Linguística, sobre as perífrases verbais no Português europeu contemporâneo.

co-semântica de um verbo flexionado e uma forma verbal não flexionada de um outro verbo no infinitivo (com ou sem intercalação de preposição) ou gerúndio, isto é, uma estrutura do tipo <V Prep Vinf>, <V Vger> ou <V Vinf>, em que há construção de determinações temporais, aspetuais e/ou modais. Os diferentes valores atribuídos a estas construções resultam da interação entre as formas que as integram e das propriedades aspetuais intrínsecas aos dois verbos. Para além disso, há que ter ainda em conta os valores desencadeados pela operação de quantificação/qualificação dos argumentos.

Ao analisarem-se, por exemplo, as perífrases *acabar de Vinf*, *deixar de Vinf* e *parar de Vinf* verifica-se que estas são tratadas como estando associadas à marcação do valor aspetual cessativo. No entanto, na generalidade da bibliografia, não se explicitam as particularidades de cada uma destas construções, sendo, por isso, consideradas como intermutáveis. Por se verificar, contudo, que estas construções manifestam comportamentos diferentes em termos da sua significação, neste trabalho propõe-se uma análise e descrição que permita estabilizar os diferentes valores que evidenciam na diversidade dos enunciados produzidos pelos falantes. Assim, tendo como suporte teórico e epistemológico os princípios previstos na Teoria Formal Enunciativa (TFE)<sup>2</sup>, dar-se-á relevo à descrição e explicitação metalinguística destas formas, bem como das construções a elas associadas, considerando-se a interdependência das configurações em que ocorrem, numa perspetiva transcategorial.

Deste modo, este trabalho visa, não só problematizar as propostas de análise avançadas por diversos autores, como também encontrar soluções para os problemas que se colocam na análise e discussão do estatuto das perífrases verbais no Português europeu contemporâneo.

### **1. *Acabar de Vinf*, *deixar de Vinf* e *parar de Vinf* a marcação do valor aspetual cessativo**

Como ponto de partida para a análise das perífrases *acabar de Vinf*, *deixar de Vinf* e *parar de Vinf*, proponho o confronto do seguinte paradigma de exemplos:

- (1) Ele acabou de comer a tarte.
- (2) Ele acabou de chegar de Paris.
- (3) Ele deixou de comer a tarte, porque não estava a gostar.
- (4) Ele deixou de comer a tarte, para ta dar, e tu deitaste-a fora.
- (5) \*Acaba de ser chata! / Para de ser chata! / Deixa de ser chata!
- (6) ?? Acaba de falar! Para de falar! / ?? Deixa de falar!

<sup>2</sup> Ver, entre outros, Culioli (1990; 1999a; 1999b).

Estes dados permitem-nos, de imediato, perceber que as três perífrases são semanticamente distintas, mesmo quando há marcação do valor aspetual cessativo (cf. (1) e (3)), mas também que a mesma construção nem sempre concorre para a marcação desse valor aspetual (cf. os pares (1) - (2) e (3) - (4)). Assim, é fundamental analisar as configurações em que estas construções ocorrem e estabelecer as possibilidades e as restrições de coocorrência (cf. (5) e (6)), permitindo, dessa forma, identificar, descrever e explicar, ao nível da representação metalinguística, fenómenos particulares.

## 2. *Acabar de Vinf*: dois objetos de natureza temporal-aspetual diferente

À perífrase *acabar de Vinf* podem ser associados dois valores fundamentais distintos<sup>3</sup>, uma vez que estamos perante dois objetos metalinguísticos de natureza diferente. Campos ([1995] 1997: 93-113) atribui o índice 1 (*acabar de*<sub>1</sub>) «às ocorrências em que *acabar de* significa “terminar”, “pôr termo a”», como em (1) e o índice 2 (*acabar de*<sub>2</sub>) às ocorrências em que *acabar de* é o localizador temporal-aspetual do acontecimento linguístico<sup>4</sup>, como em (2).

*Acabar de*<sub>1</sub> marca, não só a passagem ao exterior temporal de um processo, mas, ao mesmo tempo, a saturação de uma quantidade de processo construída independentemente do tempo e estabelecida, em particular, por uma quantificação do objeto afetado pelo processo (cf. Franckel, 1989).

(7) Acabei de fazer o trabalho.

(8) Acabei de comer.

O verbo *comer* implica, tal como *fazer*, a quantificação do objeto, mas em (8) a quantificação do objeto não é marcada explicitamente no enunciado. Como defende Franckel (1989: 133), *comer* implica a construção de um complemento genérico implícito: *comer o que é comestível*; *comer o que se tem para comer*. As glosas apresentadas mostram que a quantidade de processo atualizado é a quantidade de processo construído como validável, o que pode ser confirmado pela possibilidade de coocorrência com adverbiais de completamento (*em QN de T* / *em x tempo*). Os adverbiais *em QN de T*, contrariamente a *durante QN de T* (*durante x tempo*) desencadeiam uma quantificação do processo. Por isso, *acabar de*<sub>1</sub> é compatível com *em QN de T* e não com *durante QN de T*:

(9) Ele acabou de comer em dez minutos.

<sup>3</sup> Cf., entre outros, Campos ([1995] 1997: 93-113) e Gómez Torrego (1999: 3378-3381).

<sup>4</sup> Os índices 1 e 2, propostos por Campos (op. cit.) para os dois valores de *acabar de Vinf*, correspondem, respetivamente, aos valores b) e a) na análise de Gómez Torrego (1999: 3378): «a) [u]n valor temporal de ‘anterioridad reciente’ unido a otro aspectual de carácter ‘puntual’, que no tiene en cuenta el desarrollo de la acción» e «b) [u]n valor aspectual perfectivo, de acción acabada, que presupone un desarrollo anterior de la acción».

(10) \* Ele acabou de comer durante 10 minutos.

Embora ambos os adverbiais apresentem como traço comum a coocorrência com situações delimitadas e, por isso, representáveis por um intervalo fechado, a quantificação do processo distingue, segundo Pereira (2009), estes dois adverbiais, uma vez que *durante* quantifica o intervalo de instantes associado ao processo e exprime a sua duração, ao passo que *em* define a quantificação de um intervalo fechado, no qual se inscreve o processo. «[P]or isso se interpreta *durante* como “*QN de T* que dura o processo” e *em* como “*QN de T* que demora a tingir a fronteira associada a uma transição”» (Pereira 2009: 223).

Nas ocorrências de *acabar de*<sub>2</sub> em que *acabar de* é o localizador temporal-aspetual do acontecimento linguístico, o enunciado tem valor aspetual perfetivo e a localização temporal-aspetual do acontecimento linguístico construído é representada por um intervalo fechado e compacto – de que o intervalo pontual é um caso particular – contíguo e anterior a um ponto de referência (cf. Campos [1985] 1997: 96). É o que se verifica no enunciado (2) [*Ele acabou de chegar de Paris.*].

### 3. *Deixar de Vinf*: dois objetos de natureza temporal-aspetual e modal diferentes

Em português, tal como acontece com *acabar de*, também a perífrase *deixar de Vinf* pode marcar valores distintos e esses valores constituem a evidência que me permite defender, igualmente, a existência de dois objetos metalinguísticos de natureza diferente, que diferenciarei, tendo em conta a interpretação que, de forma empírica, se faz dos pares de enunciados que se apresentaram em (3) [*Ele deixou de comer a tarte, porque não estava a gostar.*] e (4) [*Ele deixou de comer a tarte, para ta dar, e tu deitaste-a fora.*].

No seguimento de Campos ([1985] 1997), atribuo o índice 1 (*deixar de*<sub>1</sub>) às ocorrências em que *deixar de* tem valor aspetual perfetivo, marca a passagem do interior ao exterior temporal de um processo, a interrupção de um processo que estava em curso e que não chega ao fim<sup>5</sup>, e o índice 2 (*deixar de*<sub>2</sub>) às ocorrências em que não há interrupção de um processo em curso, em que *deixar de* desencadeia, não a passagem do interior ao exterior temporal de um processo, mas, pelo contrário, a não entrada no interior de um processo pré-construído como validável.

Ao analisar os dois exemplos apresentados, podemos verificar que em (3) *ele deixou de comer a tarte* implica que *ele estava a comer a tarte* e que há interrupção de um processo, enquanto em (4) *ele deixou de comer a tarte* não implica que *ele estivesse a comer a tarte*, não implica, por isso, a inter-

<sup>5</sup> Cf., entre outros, Franckel (1989: 132) e Gómez Torrego (1999: 3381).

rupção de um processo em curso, mas, ao contrário, que *ele não comeu a tarte que tencionava comer*.

Assim, no que respeita o valor marcado pela perífrase *deixar de*<sub>2</sub>, a análise deste exemplo permite afirmar que, com esta construção, ao valor temporal-aspetual se sobrepõe um valor modal, uma vez que marca uma asserção face à atualização, mais propriamente, à não atualização de um determinado estado de coisas. Nestas situações a relação predicativa é pré-construída como validável e *deixar de*<sub>2</sub> marca a inviabilidade de atualização da relação predicativa, ou seja, nestes casos *deixar de*<sub>2</sub> não marca a fronteira de passagem ao exterior do domínio nocional associado a P, mas, ao contrário, a não entrada no domínio nocional pré-construído. Com *deixar de*<sub>2</sub> o sujeito da enunciação assume que não foi atualizada a relação predicativa pré-construída. P é e continuará a ser validável e *deixar de*<sub>2</sub> marca o hiato entre o validável (ou a possibilidade de atualização de P) e a não atualização de P. Assim, uma das características de *deixar de*<sub>2</sub> é implicar uma primeira construção de P, por intermédio de uma antecipação. *Deixar de*<sub>2</sub> P não põe fim a P, mas implica a não atualização de P, sendo que essa atualização era esperada.

#### 4. As construções *deixar de Vinf* e *parar de Vinf*: distinção fundada na marcação de valores aspetuais e modais

De acordo com diferentes autores<sup>6</sup>, a perífrase *parar de Vinf* partilha algumas das características da perífrase *deixar de Vinf*. Se entre alguns enunciados há apenas uma ténue diferença de significação, as duas perífrases têm propriedades que, ainda assim, as distinguem:

- (11) Deixou de chover.
- (12) Parou de chover.
- (13) Deixei de o ver.
- (14) Parei de o ver (com tanta frequência).

Como podemos verificar, *deixar de* e *parar de*, em enunciados como (11) e (12) são praticamente equivalentes em termos de significação. Nestes enunciados, verifica-se que, tal como *deixar de Vinf*, *parar de Vinf* apenas introduz uma delimitação temporal que não desencadeia nenhuma delimitação do domínio nocional P.

Contudo, as propriedades do complemento C<sub>0</sub> podem desencadear valores diferenciados e pode observar-se uma diferença modal entre as duas construções, na medida em que *deixar de* não implica necessariamente intencionalidade, ao contrário de *parar de*. Com os exemplos (13) e (14) pode

<sup>6</sup> Cf., entre outros, Franckel (1989: 140), Gómez Torrego (1999: 3382) e Oliveira ([2003] 2006: 149).

ver-se que, entre as duas perífrases, há uma diferença modal, uma vez que *parar de Vinf*, em coocorrência com um sujeito caracterizado pelo traço [+humano], marca intencionalidade, como em (14), enquanto em (13) não há necessariamente intencionalidade e o enunciado poderá corresponder a ‘*algo/alguém saiu do meu campo de visão*’.

*Parar de* marca, então, uma delimitação extrínseca de um processo, mas essa delimitação pode ser afetada do valor modal de intencionalidade.

### 5. Compatibilidades e restrições: análise de um caso - *acabar de<sub>1</sub> Vinf*

Campos ([1985] 1997), Oliveira ([2003] 2006) e Cunha (2004), entre outros, identificam algumas particularidades do funcionamento das perífrases verbais do português e descrevem as compatibilidades e as restrições de coocorrência em função da natureza aspetual dos predicados verbais que integram estas construções (o verbo no infinitivo). Centrando-nos, apenas, na perífrase *acabar de<sub>1</sub> Vinf*, a manipulação de alguns enunciados permite pôr em evidência fenómenos particulares para os quais não se encontra explicação nessas propostas.

Através da análise de exemplos, verifica-se que existe uma incompatibilidade entre *acabar de<sub>1</sub>* e Estados, quer sejam Estados não faseáveis, Estados faseáveis de indivíduo ou Estados faseáveis de estádio<sup>7</sup>, pois, sendo estes caracterizados como insecáveis, são, por consequência, incompatíveis com qualquer determinação de uma quantidade de processo:

(15) \* A Rita acabou de<sub>1</sub> ser alta. (Estado não faseável)

(16) \* A Rita acabou de<sub>1</sub> ser agressiva. (Estado faseável de indivíduo)

(17) \* A Rita acabou de<sub>1</sub> ser portuguesa. (Estado faseável de estádio)

Os exemplos permitem igualmente observar que, em muitas situações, não é possível a coocorrência de *acabar de<sub>1</sub>* com Eventos Atômicos<sup>8</sup> (Culminações ou Pontos), uma vez que este tipo de relações predicativas se representa por um intervalo pontual I, um intervalo fechado, sem dimensão, em que as fronteiras de abertura e fechamento coincidem, não podendo, por isso, distinguir-se o subintervalo I' marcado por *acabar de<sub>1</sub>*:

(18) \* O adepto acabou de<sub>1</sub> sair do estádio pelas onze horas.

Nas situações em que *acabar de<sub>1</sub>* coocorre com relações predicativas caracterizadas aspetualmente como Eventos Atômicos, há uma operação de quantificação prévia sobre o argumento C<sub>0</sub>, permitindo uma leitura distributiva:

(18') Os adeptos acabaram de<sub>1</sub> sair do estádio pelas onze horas.

<sup>7</sup> Cf. Cunha (2004).

<sup>8</sup> Esta classificação dos predicados verbais baseia-se em Moens & Steedman (1988).

A operação de quantificação permite «construir uma classe de situações correspondente a uma sucessão de  $n$  eventos instantâneos (...) representável por um intervalo fechado  $I$  que contém  $n$  intervalos pontuais que se sucedem: *acabar de<sub>1</sub>* marca a construção da fronteira de fechamento de  $I$ » (Campos ([1985] 1997: 99).

Centrarmos-nos, agora, nas (in)compatibilidades de coocorrência desta perífrase com Processos e Processos Culminados. Segundo Oliveira ([2003] 2006:150) *acabar de<sub>1</sub>* opera sobre essa classe de predicados verbais e «a leitura final é a de Culminação ou, em alguns casos, de Processos Culminados», e também, segundo Campos ([1985] 1997: 98), *acabar de<sub>1</sub>* só pode coocorrer com Processos Culminados ou com Processos, pois podem representar-se por um intervalo  $I$  não pontual, em relação ao qual se isola o subintervalo  $I'$ , fronteira de fechamento de  $I$ , que corresponde a *acabar de<sub>1</sub>*.

No entanto, a manipulação de alguns enunciados permite-nos problematizar esta análise, uma vez que se verifica que *acabar de<sub>1</sub>*, não só pode coocorrer com Eventos Atômicos, como vimos no ponto anterior, como nem sempre coocorre com Processos Culminados ou com Processos, como se pode verificar pelos dois conjuntos de exemplos que se apresentam seguidamente:

- A. (19) A Rita acabou de<sub>1</sub> comer.  
 (20) \* A Rita acaba de<sub>1</sub> comer.  
 (21) A Rita acaba de<sub>1</sub> comer e vai ter contigo.
- B. (22) A Rita acabou de<sub>1</sub> comer a[s] maçã[s] que lhe deste.  
 (23) \* A Rita acabou de<sub>1</sub> comer  $\emptyset$  maçã.  
 (24) \* A Rita acabou de<sub>1</sub> comer uma maçã /  $\emptyset$  maçãs.

A confrontação entre (19), (20) e (21) permite-nos verificar que, com o mesmo Processo, a mudança de tempos gramaticais desencadeia incompatibilidades ou concorre para a marcação de valores diferenciados. A confrontação entre (22), (23) e (24) permite-nos verificar que, com o mesmo Processo e o mesmo tempo gramatical, a diferença de determinação de  $C_1$  desencadeia comportamentos diferentes.

## 6. Contribuição da topologia Discreto / Denso / Compacto para a análise das perífrases verbais

A análise dos valores desencadeados pela determinação dos diferentes argumentos presentes nas predicções pode assentar no princípio da deformabilidade<sup>9</sup> das formas e construções, nas configurações em que se inscrevem:

<sup>9</sup> A deformabilidade é apreendida sob o ponto de vista da enunciação: «il n'existe pas de prototype naturel, mais des propriétés physico-culturelles – on pourrait même dire bio-

«[I]e format de description proposé (...) qui associe un pôle d'invariance (la forme schématique du verbe) à différents plans de variation imbriqués les uns dans les autres constitue un programme de travail permettant de prendre en compte ces différents facteurs.» (Paillard 2001: 119)

Os dados observados revelam, como referi anteriormente, que, na abordagem das perífrases verbais, deve ser focalizada a atenção, não apenas na interação destas estruturas com as propriedades aspetuais intrínsecas dos predicados, mas também na quantificação dos nominais que instanciam  $C_0$  e  $C_1$ .

Neste sentido, propõe-se, no seguimento de, entre outros, Paillard (1988) e de Vogüé (1989)<sup>10</sup>, uma análise topológica, centrada na tripartição Discreto / Denso / Compacto (DDC). O recurso a esta topologia, que articula as propriedades do predicado com as propriedades e a determinação de  $C_1$ , permite uma melhor compreensão de alguns dos fenómenos destacados nos pontos anteriores<sup>11</sup>.

Em termos gerais, entende-se a determinação como uma operação complexa em que à Quantificação [Qnt] se associa uma operação de Qualificação [Qlt], construindo-se um operador complexo [Qnt,Qlt]. Este operador determina quantitativa e qualitativamente as diferentes noções, a partir de configurações presentes num domínio nocional<sup>12</sup>: «Considera-se a determinação como um conjunto de operações abstractas que incidem sobre as noções gramaticais ou predicativas, construindo o domínio nocional, isto é, construindo uma classe de ocorrências que as torna quantificáveis, e um espaço topológico, que permite verificar o que pertence ao domínio, o que lhe é estranho, e o que se mantém na fronteira desse domínio. A construção deste espaço topológico determina a noção qualitativamente.» (Correia 1993: 101)

De acordo com Paillard (2001), a topologia DDC, aplicada ao domínio verbal, permite dar conta da deformabilidade de um dado lexema verbal a partir de uma forma esquemática, isto é, a deformabilidade dos lexemas do ponto de vista da sua construção de um modo qualitativo e quantitativo pode determinar os diferentes valores a que uma dada configuração está sujeita. Nesta perspetiva, e aceitando que a distinção topológica DDC pode corresponder a três modos distintos de instanciação de uma noção, verifica-se que um mesmo lexema verbal é compatível com modos de construção diferentes, podendo manifestar um funcionamento compacto (25), um funcionamento denso (26) ou um funcionamento discreto (27):

---

-physico-culturelles – qui s'organisent en domaines et en répertoires déformables» (Culioli [1995] 1999b:66).

<sup>10</sup> Para o Português ver, sobretudo, Correia (1993; 2002) e Pereira (2009).

<sup>11</sup> A extensão desta topologia ao domínio verbal permite ter em conta, de um modo operativo, diferenças tradicionalmente descritas em termos de tipos de processos (entre outros, Vendler (1967) e Moens & Steedman (1988)).

<sup>12</sup> O conceito de domínio nocional (Culioli 1990) é definido como um espaço topológico que permite a formatação das diferentes ocorrências nocionais (tanto lexicais, como predicativas).

- (25) O Pedro repara carros. (o Pedro é mecânico)
- (26) O Pedro reparou carros. (há carros [que foram] reparados pelo Pedro)
- (27) O Pedro reparou o meu carro. (o carro foi reparado pelo Pedro / o carro está reparado)

No ponto seguinte deste trabalho tentarei mostrar de que forma estes princípios são relevantes para a caracterização das perífrases verbais. Continuarei a incidir, neste ponto, na análise da perífrase *acabar de<sub>1</sub>*, parafraseável por *terminar X*.

### 7. *Acabar de<sub>1</sub>* + DDC – análise e descrição de alguns exemplos

Com a perífrase *acabar de<sub>1</sub>* há uma formatação intrínseca da noção por marcar a fronteira de passagem ao exterior de um dado domínio. Regra geral, isto é verificado pelo facto de, como se viu anteriormente, com esta perífrase, não poderem ocorrer verbos de natureza estativa.

Sob o ponto de vista da TFE, as noções compactas, em que há preponderância de Qlt sobre Qnt [(Qnt) Qlt], são ‘não-secáveis’, porque não são suscetíveis de um corte ou delimitação nocional, sendo incompatíveis com a possibilidade de qualquer delimitação.

Esta evidência pode ser verificada nos exemplos anteriormente apresentados em (15) [\* *A Rita acabou de<sub>1</sub> ser alta.*], (16) [\* *A Rita acabou de<sub>1</sub> ser agressiva.*] e (17) [\* *A Rita acabou de<sub>1</sub> ser portuguesa.*].

Pelo contrário, o funcionamento discreto de uma noção implica a preponderância de Qnt sobre Qlt [Qnt (Qlt)]. As ocorrências discretas são formatadas intrinsecamente, sendo a ancoragem espaço-temporal de uma noção discreta indissociável de uma delimitação nocional, isto é, da formatação da noção que lhe está subjacente. Assim, quando nos centramos no domínio nominal, uma ocorrência discreta evidencia uma formatação da noção, porque há simultaneamente delimitação nocional e é estabelecida uma relação qualitativa com um padrão (formato-tipo). No domínio verbal, a operação de formatação estabelece-se em função do valor lexical intrínseco do verbo, mas também da determinação de C<sub>1</sub>.

Assim, com verbos como *cair*, *sair*, *entrar*, por exemplo, há, à priori, uma forma de pré-delimitação nocional, uma auto-formatação, pelo que a discretização não é operada pelo objeto. Esta auto-formatação intrínseca, que se representa por um intervalo pontual I, fechado, sem dimensão, em que as fronteiras de abertura e fechamento coincidem, não permite demarcar um subintervalo I', o que inviabiliza a coocorrência com a perífrase *acabar de<sub>1</sub>*, como se verificou em (18) [\* *O adepto acabou de<sub>1</sub> sair do estádio pelas onze horas.*]. A coocorrência apenas é possível, como vimos acima, com uma leitura distributiva, construindo-se um valor aspetual de iteratividade (cf. (18') [*Os adeptos acabaram de<sub>1</sub> sair do estádio pelas onze horas.*]).

As situações discretas podem, no entanto, como referi, resultar da determinação de  $C_1$ <sup>13</sup>. Os exemplos apresentados acima e cuja análise aqui retomo, ilustram o que acabei de afirmar.

Nos enunciados (19) [*A Rita acabou de<sub>1</sub> comer.*], (20) [*\*A Rita acaba de<sub>1</sub> comer.*] e (21) [*A Rita acaba de<sub>1</sub> comer e vai ter contigo.*], verificamos que, com o mesmo processo, as restrições ou compatibilidades de coocorrência com *acabar de<sub>1</sub>* decorrem da alteração do tempo gramatical ou da configuração em que se inscreve a perífrase. Nos enunciados (22) [*A Rita acabou de<sub>1</sub> comer a[s] maçã[s] que lhe deste.*], (23) [*\* A Rita acabou de<sub>1</sub> comer Ø maçã.*] e (24) [*\* A Rita acabou de<sub>1</sub> comer uma maçã / Ø maçãs.*], é a diferença de determinação de  $C_1$  que possibilita ou impossibilita a coocorrência de *acabar de<sub>1</sub>* nessas configurações, ainda que os mesmos enunciados sejam perfeitamente bem formados com *acabar de<sub>2</sub>*.

A má formação de (20) [*\* A Rita acaba de<sub>1</sub> comer.*] deve-se ao facto de, nesta predicção, o predicado verbal manifestar um comportamento não discreto, mas denso, reforçado pelo valor do presente do indicativo.

É importante referir que, tanto no domínio nominal, como no domínio verbal, os densos correspondem à construção de ocorrências sem que seja estabelecida uma relação com um padrão, ou seja, sem formatação da noção. Como não dispõem de um formato-tipo que os estabilize, existe equiponderância de Qnt e Qlt, formalmente representada como [Qnt,Qlt]. Por esta razão, as ocorrências não estão sujeitas a nenhuma formatação tipo, necessitando, por isso, de um suporte espaço-temporal que as formate. A equiponderância [Qnt,Qlt] traduz, assim, a instabilidade que caracteriza o denso. No exemplo (20), a forma verbal de presente que marca essa localização, não permite a saturação da quantidade de processo que é marcada pela quantificação do objeto pré-construído.

Em (21) [*A Rita acaba de<sub>1</sub> comer e vai ter contigo.*] é o segundo segmento, que introduz o suporte de uma teleonomia (intencionalidade), que justifica a boa formação do enunciado.<sup>14</sup> Seguindo a análise de  $C_1$  delimitador, apresentada por Pereira (2009), pode dizer-se que «a relação interlexis, marcada pela conjunção *e*, permite ajustamentos entre os valores construídos por determinações internas e externas» (Pereira 2009: 272). A segunda relação predicativa (*vou ter contigo*) dá estabilidade à primeira relação predicativa (*acabo de comer*), pois opera uma delimitação que é suporte de uma mira, ou seja, a segunda relação predicativa estabiliza a primeira relação predicativa ao constituir-se como a fronteira de completamento visada. O

<sup>13</sup> «[S]i certains verbes ont par eux-mêmes des propriétés qui les affilient directement au discret, la plupart des verbes se trouvent discrétisés ou non en fonction de la détermination d'un complément.» (Franckel, Paillard & de Vogüé 1987: 242)

<sup>14</sup> A teleonomia é uma relação definida pela existência de um hiato entre um valor visado e a própria situação localizada. Ao construir-se o hiato, constrói-se o caminho para atingir (ou rejeitar) o 'telos', aqui entendido como 'fronteira'. Ver, entre outros, Deschamps (1997: 63).

valor de telicidade é, então, delimitado por *acabar de<sub>1</sub>*, que é construído com valor temporal de posterioridade.

Passe-se, agora, à análise dos enunciados (19), (22), (23) e (24), em que, com o mesmo processo e o mesmo tempo gramatical, a determinação de  $C_1$  desencadeia as incompatibilidades verificadas.

Relativamente ao enunciado (19) [*A Rita acabou de comer.*], a perífrase coocorre com um predicado que manifesta um funcionamento denso. Não há formatação da noção, no entanto, há, como já foi referido, delimitação de  $C_1$ , através de um objeto pré-construído. Neste caso, não há discretização, mas apenas uma formatação extrínseca (temporal e espacialmente pertinente), ou seja, a manifestação da noção passa por uma ancoragem ou localização espaço-temporal. O predicado é compatível com *acabar de<sub>1</sub>*, pois a ancoragem do processo é feita pelo pretérito perfeito, o que possibilita, não só a passagem ao exterior temporal do processo, mas, ao mesmo tempo, estabilizar a saturação da quantidade de processo formatada intrinsecamente e construída independentemente do tempo (*A Rita comeu o que tinha para comer*) e que Franckel (1989: 133) designa por ‘complemento genérico implícito’<sup>15</sup>.

No enunciado (22) [*A Ana acabou de<sub>1</sub> comer a[s] maçã[s] que lhe deste.*], o predicado manifesta um funcionamento discreto, pois há uma formatação intrínseca realizada através de  $C_1$ . A determinação de *a[s] maçã[s] que lhe deste* permite formatar uma ocorrência da noção, isto é, desencadear uma delimitação nocional de *maçã*, permitindo quantificar o processo. O pretérito perfeito localiza o processo, marcando a passagem ao exterior temporal do mesmo e *acabar de<sub>1</sub>* marca a saturação da quantidade do processo estabelecida pela quantificação de  $C_1$ .

Em (23) [*\* A Ana acabou de<sub>1</sub> comer Ø maçã.*], no entanto, o predicado manifesta um funcionamento compacto, visto que, como se afirmou anteriormente, os compactos «não se deixam formatar intrínseca ou extrinsecamente, definindo-se, topologicamente, como uma zona fechada» (Correia 1993: 107), daí resultando a impossibilidade de coocorrência com o subintervalo  $I'$  marcado por *acabar de<sub>1</sub>*.

Já no enunciado (24) [*\* A Ana acabou de<sub>1</sub> comer uma maçã / Ø maçãs.*] verifica-se, graças à quantificação diferente de  $C_1$ , existir uma incompatibilidade na ocorrência de perífrase *acabar de<sub>1</sub>*, o que aponta para uma densificação das ocorrências construídas. Sublinhe-se que, quando a especificação de nominais é feita com o determinante  $\emptyset$ , para que se dê a formatação densa ou compacta de um N discreto este precisa de ser pluralizado<sup>16</sup>. Assim,

<sup>15</sup> Note-se a possibilidade de coocorrência de (19) e (22), contrariamente ao que acontece com (23) e (24), com o valor durativo do marcador *já* que, como defende Campos ([1995] 1997: 108), pode funcionar «como um critério decisivo para a distinção entre os dois valores», funcionando «como filtro de valores»: (19') [*A Rita [já] acabou de<sub>1</sub> comer.*], (22') [*A Rita [já] acabou de<sub>1</sub> comer a[s] maçã[s] que lhe deste.*], (23') [*\* A Rita [já] acabou de<sub>1</sub> comer Ø maçã.*] e (24') [*\* A Rita [já] acabou de<sub>1</sub> comer uma maçã Ø maçãs.*]

<sup>16</sup> Cf. a título de exemplo, Correia (1993).

neste exemplo,  $C_1$  assegura a fronteira de delimitação do processo, podendo especificá-lo qualitativamente.

### Considerações Finais

A descrição das perífrases *acabar de Vinf*, *deixar de Vinf* e *parar de Vinf* proposta por alguns autores, geralmente associada à marcação do valor aspetual cessativo, não permite explicar alguns dos aspetos particulares destas configurações.

Por um lado, a análise dos exemplos apresentados mostra que estas construções concorrem para a marcação de valores temporais, aspetuais e modais e, em certas situações, esses valores coocorrem num mesmo enunciado. Assim, mesmo quando as perífrases incidem, prioritariamente, sobre a categoria Aspeto, os valores por elas marcados são construídos a partir da conjugação de outras categorias gramaticais, como o Tempo, a Modalidade e a Determinação.

Por outro lado, as questões que aqui foram levantadas permitem verificar que as compatibilidades e restrições de uso das perífrases não decorrem apenas da natureza aspetual do verbo flexionado, nem das propriedades aspetuais do verbo no Infinitivo. Sob o ponto de vista aspetual é importante referir que, para além das propriedades inerentes aos predicados envolvidos, dever-se-á ter em conta a determinação dos argumentos  $C_0$  e  $C_1$ , por ser relevante na determinação dos diferentes valores.

Partindo das propostas de descrição das perífrases verbais de diferentes autores, fundamentais para a explicação de alguns dos mecanismos que atuam com o emprego destas construções, este trabalho permite problematizar, com base na análise dos dados, alguns aspetos dessas propostas.

Se considerarmos, por exemplo, a proposta de Campos ([1985] 1997), que defende que *acabar de<sub>1</sub>* resulta da lexicalização<sup>17</sup> de uma noção predicativa, dependendo o seu emprego da natureza aspetual dos predicados com que coocorre, e tivermos em conta os enunciados que analisámos e descrevemos, verificamos que a sua proposta apenas se adequa em determinadas circunstâncias, pois as compatibilidade ou restrições de emprego têm por base a determinação dos argumentos que instanciam  $C_0$  e  $C_1$ . Neste sentido, pode problematizar-se a perspectiva de Campos, uma vez que não permite descrever certas particularidades e explicar todos os mecanismos em jogo.

Este trabalho permite, sobretudo, fundamentar a necessidade de substituição de uma lógica de classes por uma lógica de funcionamentos, uma vez que a predicação manifesta funcionamentos diferentes em diferentes enunciados, o que justifica as restrições de coocorrência.

---

<sup>17</sup> Para a TFE, assume-se que a lexicalização resulta da instanciação lexical de uma noção e/ou uma relação predicativa.

Defende-se, pois, que, tal como no estudo da referência nominal, é fundamental o recurso à topologia DDC, no quadro da TFE, para a descrição das perífrases verbais, uma vez que permite a explicação dos fenómenos particulares, contribuindo para um melhor conhecimento do funcionamento e estatuto destas construções.

Assim, esta análise evidencia a importância de uma análise transcategorial destas construções, pois possibilita dar conta das particularidades identificadas, uma vez que a transcategorialidade permite explicitar as relações das categorias gramaticais que participam na construção da significação, resultando da interdependência e deformabilidade das formas linguísticas que integram as perífrases verbais, bem como da deformabilidade das próprias construções desencadeada pelas configurações em que ocorrem.

## Referências

- Campos, Maria Henriqueta Costa ([1995] 1997). Ambiguidade lexical e representação metalinguística. In *Tempo, Aspecto e Modalidade, Estudos de Linguística Portuguesa*. Porto: Porto Editora, pp. 93-113.
- Correia, Clara Nunes (1993). A Determinação: quantificação e Qualificação. In *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, pp. 100-111.
- Correia, Clara Nunes (2002). *Estudos de Determinação. A Operação de Quantificação-Qualificação em Sistemas Nominais*. Lisboa: FCG-FCT.
- Culioli, Antoine (1990). *Pour une Linguistique de l'Énonciation, Opérations et Représentations*. Tome 1. Paris: Ophrys.
- Culioli, Antoine (1999a). *Pour une Linguistique de l'Énonciation, Formalisation et Opérations de Repérage*. Tome 2. Paris: Ophrys.
- Culioli, Antoine (1999b). *Pour une Linguistique de L'énonciation, Domaine Notionnel*. Tome 3. Paris: Ophrys.
- Cunha, Luís Filipe (2004). Para uma reclassificação aspectual dos estados. In *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 525-537.
- Deschamps, Alain (1997). Traitement énonciatif des paramètres des compléments propositionnels de verbes. In Claude Rivière & Marie-Line Groussier (eds.). *La Notion*. Paris: Ophrys, pp. 60-74.
- Franckel, Jean-Jacques (1989). *Étude de Quelques Marqueurs Aspectuels du Français*. Genève-Paris: Librairie Droz.
- Franckel, Jean-Jacques; Denis Paillard & Sarah de Vogüé ([1987] 1988). Extension de la distinction 'discret', 'dense', 'compact' au domaine verbal. In Jean David e Georges Kleiber (eds.). *Termes Massifs et Termes Comptables*. Colloque international de linguistique - Metz 1987. Paris: Klincksieck, pp. 239-247.
- Moens, Marc & Mark Steedman (1988). Temporal ontology and temporal reference. In *Computational Linguistics*, Vol. 14. Nº 2, pp. 15-28.

- Oliveira, Fátima ([2003] 2006). Tempo e Aspecto. In Mateus, Maria Helena Mira et al.. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho. 7ª Edição, pp. 129-178.
- Paillard, Denis (1988). Temps, aspect, types de procès. A propos du présent simple. In Jean-Claude Milner (ed.) *Recherches Nouvelles sur le Langage*. Paris: Université Paris 7, Collection ERA 642, pp. 92-107.
- Paillard Denis (2001). À propos des verbes ‘polysémiques’: identité sémantique et principes de variation. In *Syntaxe et sémantique*. N° 2. Paris, pp. 99-120.
- Pereira, Susana (2009). *A Semântica do Objecto: Aspecto e Determinação Nominal*. Lisboa: FCG-FCT.
- Squartini, Mario (1998). *Verbal Periphrases in Romance: Aspect, Actionality, and Grammaticalization*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- Gómez Torrego, Leonardo (1999). Los verbos auxiliares. Las perífrasis verbales de infinitivo. In Bosque, Ignacio & Violeta Demonte (dir.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Real Academia Española. Madrid: Espasa Calpe, pp. 3323-3389.
- Vendler, Zeno (1967). Verbs and Times. In *Linguistics in Philosophy*. Nova Iorque: Cornell University Press, pp. 97-121.
- de Vogüé, Sarah (1989). Dense, discret, compact: Les enjeux énonciatifs d’une typologie lexicale. In *La notion de Prédicat*. Jean-Jacques Franckel (ed.). Paris: Université Paris 7, Collection ERA, pp. 1-37.